



# PARTE UM





# Capítulo 1

“Na praia do mar de mundos sem fim,  
crianças brincam.”

Rabindranath Tagore

## Tamil Nadu, Índia

O mar acordou manso com as primeiras luzes daquela manhã em que o seu mundo desabaria. Eram duas irmãs: Ahalya, a mais velha, tinha 17 anos, e Sita, 15. Como sua mãe, antes delas, eram crianças do mar. Quando seu pai, um executivo da área de informática, se mudou com a família das planícies de Nova Déli para Chennai, nas costas de Coromandel, Ahalya e Sita se sentiram como se estivessem voltando para casa. O mar era seu amigo; seus pelicanos, seus peixes, suas ondas encrespadas eram seus companheiros. Elas nunca imaginaram que um dia o mar pudesse se voltar contra elas. Mas elas eram jovens demais e sabiam muito pouco sobre o sofrimento.

Ahalya percebeu quando a terra tremeu naquele começo de manhã. Ela olhou para Sita dormindo na cama ao lado e ficou se perguntando como é que ela não acordara. Os tremores foram violentos, mas cessaram depressa e, por isso, ela ficou imaginando se não teria sido um sonho. Não se ouvia o barulho de ninguém na parte de baixo da casa. Era o dia depois do Natal, um domingo, e toda a Índia dormia.

Ahalya se ajeitou debaixo das cobertas, sentiu o cheiro adocicado de sândalo do cabelo de sua irmã, e seus pensamentos se voltaram para o

*salwar kameez* azul-pavão com que seu pai lhe presenteara para usar no conservatório, em Mylapore, naquela noite. Era dezembro e a estação musical de Madras estava no auge. Seu pai lhes comprara ingressos para um concerto de violino às 20 horas. Ela e Sita estudavam violino.

A casa acordava por etapas. Às 7h15, Jaya, que trabalhava havia muito tempo com a família, se enrolava em um sári, pegava um pequeno vaso com pó de calcário que guardava no baú em frente da cama e se dirigia para a varanda. Ela varria a areia da soleira e despejava pitadas do pó branco sobre o solo, e, então, juntava o pó em linhas elegantes, traçando o formato de estrela da flor de jasmim. Satisfeita consigo mesma, unia as mãos espalmadas e sussurrava uma prece para Lakshmi, a deusa da fortuna dos hindus, pedindo por um dia auspicioso. Depois, assim que terminava seu ritual *kolam*, ela ia até a cozinha para preparar a refeição da manhã.

Ahalya tornou a despertar quando os raios de Sol passaram através das cortinas. Sita, que sempre acordava cedo, já estava quase vestida. Seus cabelos negros, brilhantes e úmidos. Ahalya observava sua irmã se maquiando diante de um pequeno espelho e sorria. Sita era miúda e abençoada com feições delicadas e os grandes olhos expressivos de sua mãe, Ambini. Ela era pequena para a idade e a mágica da puberdade ainda precisava transformar sua figura no corpo de uma mulher. Por isso, ela tinha vergonha de sua aparência, apesar de Ahalya e Ambini repetirem, muitas vezes, que o tempo se encarregaria de trazer as mudanças que ela tanto desejava.

Para acompanhar Sita e para não se atrasar para o café da manhã, Ahalya vestiu-se apressadamente, com uma roupa indiana amarela, um *churidaar* e um lenço combinando. Colocou alguns braceletes e tornozeleiras, e completou o visual com uma gargantilha em torno do pescoço e um delicado *bindi* na testa.

— Pronta, querida? — Ahalya perguntou a Sita, em inglês. Era regra na residência dos Ghai que as meninas só falassem em híndi ou tâmil se fossem encaminhadas a essas línguas por um adulto. Como todos os indianos pertencentes à privilegiada classe média, seus pais acalentavam o sonho de mandá-las cursar a universidade na Inglaterra e acreditavam firmemente que o domínio da língua inglesa era o principal passaporte para Cambridge ou Oxford. O colégio de freiras



onde as meninas estudavam ensinava o híndi, a língua oficial, e o tâmil, o dialeto falado em Tamil Nadu, além do inglês, mas as irmãs do convento preferiam conversar em inglês e as meninas nunca discutiram a regra.

— Sim — respondeu Sita, desanimada, dando uma última olhada no espelho. — Acho que sim.

— Oh, Sita — Ahalya a repreendeu —, esse desânimo não vai fazer Vikram Pillai se encantar por você.

O comentário teve exatamente o efeito que Ahalya desejava. O rosto de Sita se iluminou com a menção dos planos da família para aquela noite. Pillai era seu violinista favorito.

— Você acha que vamos nos encontrar com ele? — Sita perguntou. — As filas depois do espetáculo são tão longas...

— Pergunte ao baba — disse Ahalya, pensando na surpresa que ela e seu pai haviam preparado para Sita, e que conseguiram manter em segredo. — Nunca se sabe, com os contatos que ele tem.

— Vou perguntar para ele durante o café da manhã — disse Sita, desaparecendo por trás da porta e descendo as escadas.

Sorrindo internamente, Ahalya seguiu Sita até a sala de estar. Juntas, as meninas fizeram sua *puja*, ou adoração matinal, diante dos ídolos da família de Ganesh, o deus elefante da sorte, e de Rama, avatar de Vishnu, que ficava em um altar separado no canto da sala. Como a maioria dos membros da casta dos comerciantes, os Ghai não eram muito religiosos e frequentavam um templo ou um santuário apenas nas raras ocasiões em que buscavam uma dádiva dos deuses. No entanto, quando a avó das meninas chegava de visita, os palitos de incenso eram acesos, a *puja* era preparada e todos, crianças e adultos, tomavam parte no ritual.

Quando entraram na sala de jantar, as irmãs encontraram o pai, Naresh, mãe e avó reunidos para o café da manhã. Antes de se sentarem, Ahalya e Sita tocaram os pés de seu pai em um tradicional sinal de respeito. Naresh sorriu e apertou suas bochechas com carinho.

— Bom dia, baba — disseram.

— Bom dia, minhas belezas.

— Baba, você conhece alguém que conheça Vikram Pillai? — Sita perguntou.



Naresh olhou para Ahalya e piscou para Sita.

— Vou conhecer, depois de hoje à noite.

Sita ergueu as sobrancelhas.

— O que você quer dizer com isso?

Naresh colocou a mão no bolso.

— Eu estava esperando para contar mais tarde, mas já que você perguntou... — e tirou do bolso um passe VIP, colocando-o sobre a mesa. — Nós vamos conhecê-lo antes do show.

Sita olhou para o passe e um sorriso nasceu em seu rosto, ajoelhou-se lentamente e tocou os pés de seu pai uma segunda vez.

— Obrigada, baba. Ahalya poderá ir conosco?

— Mas é claro — Naresh respondeu e colocou mais três passes VIPs ao lado do primeiro. — E também sua mãe e sua avó.

— Ele faz tudo o que a gente pede — Ahalya comentou, feliz.

Sita olhou para a irmã, olhou para o pai e não coube em si de contentamento.

Enquanto as meninas tomavam seus lugares à mesa, Jaya andava pela sala servindo tigelas cheias de arroz, *chutney* de coco, *masala dosa* — crepes recheados com batata — e um pão achatado, chamado *chapatti*, sobre a mesa. A comida foi degustada sem o uso de talheres e, ao final da refeição, os dedos de todos estavam lambuzados com restos de arroz e *chutney*.

Para a sobremesa, Jaya serviu *chickoo*, uma fruta semelhante ao kiwi, e *mysore pak*, um tradicional doce indiano. Ao cortar o *chickoo*, Ahalya se lembrou do tremor que sentiu de manhã cedo.

— Baba, você sentiu o terremoto? — ela perguntou.

— Que terremoto? — a avó retrucou.

Naresh riu.

— A senhora tem sorte de dormir tão profundamente, Naani. — Ele se voltou para a filha com um sorriso reconfortante. — O tremor foi forte, mas não causou nenhum estrago.

— Terremotos são mau presságio — disse a velha senhora, apertando o guardanapo.

— Eles são um fenômeno natural — Naresh corrigiu com brandura. — E esse não causou nenhum mal. Não precisamos nos preocupar. — Voltando-se para Ahalya, ele mudou de assunto.



— Você tem notícias da irmã Naomi? Ela não estava bem na última vez que a vi.

A família terminou a refeição enquanto Ahalya dava a seu pai notícias sobre a saúde da diretora do Colégio St. Mary. Soprava uma brisa vinda das janelas abertas, que refrescava o ar. De repente, Sita começou a se mostrar inquieta e pediu licença para se retirar. Depois de obter a permissão de Naresh, ela colocou no bolso um pedaço de *mysore pak* e correu para fora de casa em direção à praia. Ahalya sorriu do entusiasmo de sua irmã, mas não conseguiu se conter.

— Posso ir também? — ela pediu ao pai.

Ele consentiu.

— Acho que nossa surpresinha de Natal foi uma grande ideia.

— Eu também acho — ela disse. Levantando-se da mesa, ela calçou suas sandálias e foi atrás da irmã no dia ensolarado.

\* \* \*

Por volta das 8h20, todos, exceto Jaya e a avó das meninas, haviam partido para a praia. O modesto bangalô da família ficava em um terreno de frente para o mar a cerca de 25 quilômetros ao sul de Chennai e a 1,5 quilômetro da praia, partindo de qualquer uma das diversas comunidades pesqueiras ao longo da costa de Tamil Nadu. Pelos padrões indianos, essa é uma área rural, e Ambini, que cresceu nos arredores da populosa Mylapore, achava o lugar remoto. No entanto, ela considerava a distância da cidade um pequeno sacrifício a fazer pela oportunidade de criar suas meninas tão perto da terra de seus ancestrais.

Ahalya caminhava sobre a areia enquanto Sita corria na beira do mar e catava conchas. Naresh e Ambini passeavam atrás delas em silencioso contentamento. A família Ghai rumou em direção norte até uma vila de pescadores. Eles passaram por um casal de idosos sentados na areia e por dois meninos que atiravam pedras nos pássaros. Fora isso, a praia estava deserta.

Pouco antes das 9 horas, Ahalya notou algo diferente no mar. As ondas carregadas pelo vento que chegavam até a praia não alcançavam a mesma distância na areia que atingiam até pouco tempo antes.



Ela observou a linha da água, e parecia que o mar se retraía diante de seus olhos. Em pouco tempo, quinze metros de areia encharcada ficaram expostos. Os dois meninos, gritando de alegria, corriam um atrás do outro sobre a superfície esponjosa na direção do oceano que se afastava. Ahalya assistia ao espetáculo com um mau pressentimento, mas Sita parecia mais curiosa que preocupada.

— *Idhar kya ho raha hai?* — Sita perguntou, retornando ao híndi nativo. — O que está acontecendo?

— Não tenho certeza — Ahalya respondeu em inglês.

Ahalya foi a primeira a ver a onda. Ela apontou para uma tênue linha branca que surgiu no horizonte. Em menos de dez segundos, a linha se expandiu e se transformou em uma parede agitada de água. A onda se aproximava tão rapidamente que os Ghai quase não tiveram tempo de reagir. Naresh começou a gritar e abanar os braços, mas suas palavras foram engolidas pelo enorme rugido da onda.

Ahalya agarrou a mão de Sita e a arrastou até um grupo de palmeiras, lutando contra a resistência da areia lodosa. A água suja e salgada serpenteou em volta de suas pernas, até que a onda quebrou sobre ela e jogou seu corpo para cima e para baixo. A água salgada encheu suas narinas, entupiu seus ouvidos e castigou seus olhos. Ela começou a sufocar, a sentir náuseas, mas tentou alcançar a claridade. Quando, finalmente, conseguiu chegar à superfície, estava ofegante, tentando respirar.

Ela avistou uma mancha colorida que se movia — o *churidaar* turquesa de Sita — e tornou a agarrar a mão da irmã, mas, novamente, a perdeu com a violência da onda. Seus dedos tocaram o tronco de uma palmeira. Ela se abraçou a ele, lutando desesperadamente contra a corrente, porém, mais uma vez, não conseguiu se segurar. Enquanto o mar jogava seu corpo na direção da costa, ela tentava gritar no meio da confusão, colocando nas palavras toda a força que lhe restava:

— Nade! Sita, se agarre em uma palmeira!

Ainda levada pela água, ela avistou o tronco de uma palmeira uma fração de segundo antes do impacto. A dor explodiu em sua cabeça, mas ela envolveu seus braços e pernas em torno da árvore e decidiu que não ia se deixar levar pela onda. E, então, perdeu a consciência.



Quando tornou a abrir os olhos, viu o céu azul por entre folhas de palmeiras destroçadas pelo vento. O silêncio em volta era assustador. O coração batia com força em seu peito e a cabeça parecia que havia se partido em duas. Passaram-se alguns segundos e, então, o mar começou a recuar, dando novamente espaço à areia. Ela viu Sita ao longe e ouviu um grito.

— Ahalya, me ajude!

Tentou responder, mas sua boca estava cheia de água salgada. As palavras soavam como um ruído áspero:

— Espere. — Cuspiu e tentou outra vez: — Espere! Sita! Espere até a água baixar.

E a água baixou. Finalmente baixou.

Ahalya foi descendo devagar do tronco da palmeira até que seus pés tocaram a areia molhada. Seu *churidaar* estava em frangalhos e seu rosto, coberto de sangue. Ela soltou os braços do tronco que salvou sua vida e caminhou com dificuldade para vencer a distância até onde estava Sita. Envolvendo o corpo de sua irmã de forma protetora, Ahalya seguiu entre a floresta de palmeiras, em direção à praia. A princípio, ela não se deu conta da visão aterradora. Os arbustos arrancados e caídos sobre a areia não possuíam mais suas folhas. Em torno deles, formas escuras flutuavam sobre a superfície lodosa da água.

Ahalya observou aquelas formas e, com um tranco no peito, de repente, ela percebeu.

— *Idbar aawo!* — ela chama Sita em híndi. — Vamos!

Tomando a irmã pela mão, Ahalya a conduziu pela água, que estava na altura dos joelhos. O primeiro corpo que encontraram foi o de Ambini. Ela estava coberta de lama e cada centímetro exposto de pele estava coberto por lacerações. Os olhos estavam abertos e seu rosto era a máscara do horror.

A transfiguração grotesca de sua amada mãe deixou Sita petrificada. Ela apertou a mão da irmã com tanta força que Ahalya gritou e se soltou.

Ahalya caiu de joelhos, em prantos, mas Sita apenas olhava. Depois de um longo tempo, suas feições se abrandaram e ela começou a soluçar, enterrou o rosto nas mãos e tremeu com tanta força que parecia estar tendo uma convulsão.



Ahalya abraçou a irmã com força, segurou sua mão e a conduziu para longe do corpo de Ambini. Pouco depois, elas se depararam com outro cadáver. Era de um dos meninos que brincava na praia. Sita ficou estática novamente. Ahalya apenas continuou conduzindo a irmã pelas ruínas alagadas da praia em direção ao bangalô da família. Ela sabia que sua única esperança era encontrar o pai.

Se Sita não tivesse tropeçado, elas não teriam encontrado o corpo de Naresh. Quando se inclinou para ajudar a irmã a se levantar, Ahalya olhou na direção da terra e viu outra mancha escura flutuando em uma lagoa de água salgada. A onda arrastou Naresh pela floresta de palmeiras e seu corpo ficou preso em umas rochas na beira da lagoa.

Ahalya foi puxando a irmã até o corpo de Naresh. Por um longo tempo ela apenas olhou para o pai como se não compreendesse o que havia acontecido. Quando a verdade despencou sobre ela, começou a chorar, como se o peso esmagador de todo aquele sofrimento desabasse sobre seus ombros. Ela era a preferida de Naresh e Sita, a favorita de Ambini. Ele não podia estar morto. Ele prometera encontrar um marido respeitável para ela e oferecer uma festa de casamento de causar inveja. Ele prometera tantas coisas.

— Olha — disse Sita, apontando para o sul.

Limpando as lágrimas do rosto, Ahalya seguiu o olhar de sua irmã por um mundo estranho e completamente esvaziado pela onda. Seu bangalô podia ser visto à distância. Aquela silhueta familiar pegou Ahalya de surpresa, tanto quanto a inesperada imobilidade de sua irmã. Sita havia parado de chorar e envolvia o próprio corpo com os braços, como que para se proteger. A visão de seu rosto tão carregado de dor infundiu coragem à Ahalya. Talvez Jaya ou sua avó tivessem sobrevivido. Não era possível suportar a ideia de que ela e Sita estavam totalmente sozinhas.

Ahalya permaneceu calada e pegou a mão de sua irmã. Movendo-se com dificuldade no terreno submerso, as meninas conseguiram chegar até o que restara do bangalô, seu lar por quase uma década. Antes da onda, o terreno em volta do bangalô era o retrato da natureza preservada, com jardins floridos e árvores frutíferas. Logo que a família chegara de Nova Déli, Naresh plantou uma árvore *ashoka* perto



da casa em homenagem à Sita. Quando criança, ela brincava debaixo daquela árvore sempre verde e imaginava a heroína do *Ramayana*, de quem tinha o mesmo nome, sendo resgatada por Hanuman, o nobre deus macaco, de seu cativeiro na ilha de Lanka. Agora, a árvore *ashoka* e todos os seus companheiros verdejantes haviam se transformado em um monte de gravetos, sem seus galhos, folhas e flores.

Sita parou ao lado do esqueleto de sua amada árvore, mas Ahalya a puxou pela mão para que continuasse a andar. As janelas do andar de baixo haviam sido arrancadas e a mobília, que antes enfeitava a sala de estar, agora boiava pelo quintal. Ainda assim, a casa parecia ter resistido. À medida que se aproximavam da porta da frente totalmente escancarada, Ahalya procurava o som de uma voz humana, mas não ouvia nada. A casa estava imersa em silêncio, como uma cripta.

Ela entrou no saguão e franziu o nariz, sentindo a umidade do ar. Ao entrar na sala de estar, ela viu o corpo de sua avó flutuando com o rosto para baixo, mergulhada na sujeira, ao lado de um sofá coberto de lama. Novas lágrimas brotaram em seus olhos, mas ela estava exausta demais para prantear por sua avó. A descoberta dos restos mortais da avó não a surpreendeu. Depois de encontrar o pai, ela já suspeitava que sua avó também tivesse perecido.

Juntando o que ainda lhe restava de força, Ahalya caminhou com dificuldade até a cozinha, clamando em desespero pela sobrevivência de Jaya. A empregada trabalhava para a família Ghai desde antes do nascimento de Ahalya. Era indispensável e insubstituível.

Quando Ahalya entrou na cozinha, arrastando sua irmã, fraca e sem energia, o que encontrou foi um amontoado de destroços. Cestos e todo tipo de vasilhame derrubados, potes de doces e frutas — como manga, papaia e coco — boiando na água estagnada. Sob a superfície, panelas, frigideiras, louças e talheres espalhados pelo chão, como restos de um naufrágio. Mas nenhum sinal de Jaya.

Ahalya estava prestes a deixar a cozinha para ir procurar na sala de jantar quando percebeu que a porta da despensa estava entreaberta. Ela viu uma mão antes de sua irmã e abriu a porta com força. Espremido no exíguo espaço da despensa jazia o corpo de Jaya. De todos os membros da família que sucumbiram, Jaya era a



que mais parecia em paz com a morte. Seus olhos estavam fechados, parecia que ela dormia. Porém, sua pele estava fria e viscosa.

Subitamente Ahalya sentiu uma vertigem e quase caiu desmaiada. Em pé naquela cozinha, com a água batendo nos tornozelos, ela finalmente se deu conta de sua terrível situação. Ela e Sita estavam órfãs. Os únicos parentes ainda vivos eram tios e primos que viviam na distante Nova Déli, com quem ela não entrava em contato há muitos anos.

Assim que percebeu que toda a esperança estava perdida, Sita veio até ela e segurou sua mão. A sensação repentina do toque fez Ahalya entrar em ação novamente. Tomando para si a responsabilidade de irmã mais velha, ela conduziu Sita ao andar de cima, até o quarto que dividiam.

A onda alcançou a escada e enlameou o assoalho, mas as janelas e a mobília do segundo pavimento permaneceram intactas. Ahalya tinha um único pensamento: encontrar sua carteira e seu telefone celular. Se conseguisse entrar em contato com a irmã Naomi e encontrasse um modo de ir com Sita até o Colégio St. Mary, em Tiruvallur, elas estariam a salvo.

Ela encontrou a carteira na mesa de cabeceira e digitou o número da irmã Naomi em seu celular. Quando o telefone começou a chamar, ela ouviu um estrondo à distância que vinha do leste. Ela foi até a janela e olhou para a superfície manchada de lama da Baía de Bengala. Ela mal podia acreditar no que via. Uma segunda parede de água estava prestes a alcançar a praia. Em segundos, o barulho aumentou até se transformar em um rugido gutural que afogou a voz do outro lado da linha. “Alô? Alô? Ahalya? Sita?” Ahalya esqueceu completamente a irmã Naomi. Seu mundo de repente se resumia a sua irmã e à iminência de uma segunda onda assassina.

A ruidosa massa de água atingiu o bangalô e inundou o piso inferior. A casa estremecia e rugia à medida que a onda batia com violência contra as fundações. Ahalya bateu a porta do quarto e puxou Sita para cima da cama. Abraçada a sua irmã, que tremia, ela se perguntava se o deus Shiva escolhera a água no lugar do fogo para destruir o mundo.

O terror daquela segunda onda parecia durar para sempre. A água salgada penetrou pela fresta, por baixo da porta do quarto, e se



espalhou pelo chão. As duas irmãs se embrulharam em uma pilha de cobertores e o nível da água subia. De repente, a casa se deslocou sob seus pés e o assoalho se inclinou. A porta do quarto se abriu e uma água barrenta o inundou. Ahalya gritou e Sita enterrou a cabeça no tecido molhado do *churidaar* da irmã. Ahalya fechou os olhos e rezou uma prece à Lakshmi, para que as perdoasse de todos os pecados e lhes garantisse uma passagem segura para a próxima vida.

Diante dessa situação limite, ela mal se deu conta de que o barulho estava diminuindo até que desapareceu. A casa permaneceu firme enquanto a corrente se revertia e a segunda onda recuava para o mar. As duas irmãs se sentaram imóveis sobre a cama. O mundo de devastação deixado pela onda parecia misteriosamente destituído de qualquer som.

— Ahalya? — Sita suspirou profundamente. — Para onde nós iremos?

Ahalya piscou e sua mente colocou-se em atividade. Ela se desvencilhou da irmã e, ainda atordoada, com o celular em sua mão, digitou os números tão conhecidos.

— Nós precisamos chegar até o St. Mary — disse. — A irmã Naomi saberá o que fazer.

— Mas como? — Sita envolveu o corpo com os braços. — Não tem ninguém para nos levar até lá.

Ahalya fechou os olhos e ouviu o telefone chamando. Irmã Naomi atendeu. Sua voz soou ansiosa. O que tinha acontecido? Elas estavam em perigo? Quando Ahalya respondeu, sua voz parecia distante. Veio uma onda. Sua família estava morta. Ela e Sita haviam sobrevivido, mas sua casa estava destruída. Elas não tinham nenhum dinheiro, apenas o celular.

A linha falhou por vários segundos até que a irmã Naomi conseguiu ouvi-la novamente. Ela instruiu Ahalya para caminhar até a estrada e pegar carona para Chennai com um vizinho.

— Vá apenas com pessoas em que você confia — ela disse. — Nós estaremos esperando por vocês.

Ahalya desligou o telefone e se voltou para Sita, tentando demonstrar confiança.

— Nós temos que encontrar alguém de carro. Vamos lá. Precisamos de roupas secas.



Ela conduziu a irmã pelo quarto até um gaveteiro. Então, ajudou Sita a tirar suas roupas sujas e encharcadas e deu a ela um *churidaar* limpo. Depois, trocou a própria roupa e foi até a pia, na esperança de poder lavar seu rosto, mas não havia água. Elas teriam que conviver com aquela camada de areia cobrindo a pele até que chegassem ao St. Mary.

Sita se encaminhou para a porta, pronta para seguir em frente, mas Ahalya parou para pegar uma fotografia da estante. O retrato mostrava a família Ghai no Natal do ano anterior. Ela retirou a foto da moldura e a colocou embaixo de seu *churidaar*; recolheu, também, uma caixa de madeira e a colocou dentro de uma bolsa de pano, junto com o celular. Dentro da caixa havia joias e peças de ouro que as irmãs receberam de presente ao longo dos anos, o que constituía toda sua fortuna. Ahalya olhou uma última vez o seu quarto e se despediu com um inclinar da cabeça. Tudo seria deixado para trás.

As irmãs desceram as escadas e passaram com dificuldade pelo saguão até o jardim em frente da casa. Do lado de fora, o sol brilhava e a água empoçada, deixada ali pela segunda onda, começava a cheirar mal, com odor de peixe morto. Ahalya conduziu Sita até a parte de trás do bangalô destruído e dali para a rua. Os dois carros da família, que estavam estacionados em frente da casa antes da chegada das ondas, não podiam mais ser encontrados. Ahalya teve vontade de olhar uma última vez para o bangalô, mas resistiu a esse desejo. Aquele mundo em ruínas deixado pelas ondas não era o lar que elas conheciam. O mundo que havia antes e a família que ali habitava agora viviam apenas na sua lembrança.

\* \* \*

Quando chegaram à rua principal, encontraram-na coberta por destroços da floresta de palmeiras. Ahalya entrou em desespero. Quem iria se aventurar numa rua nessas condições? Mas, então, ela teve uma ideia: talvez pudessem pegar uma carona com alguém da vila dos pescadores. Ela sabia que a chance era pequena. A maioria dos moradores da vila vivia em choças à beira do mar, que, provavel-



mente, haviam sido levadas pelas ondas. Mas os sobreviventes teriam que buscar provisões e assistência em Chennai. Logo alguém do vilarejo teria que fazer a viagem.

As irmãs caminhavam lado a lado em silêncio. Por mais de um quilômetro não encontraram nenhum sinal de vida. Toda a vegetação rasteira tinha sido arrasada, deixando a terra de ambos os lados do pavimento em estado de desolação. Quando finalmente chegaram à vila de pescadores, elas suavam muito e suas gargantas estavam ressecadas pela sede. Mesmo no inverno, o sol do sul da Índia castigava com sua intensidade.

Ahalya decidiu descer pelo caminho que levava à comunidade pesqueira. Quando se aproximavam da beira da praia, viram um homem vestido com uma saia branca, ou *lungi*, muito suja de lama, e ele caminhava em direção a elas com uma criança nos braços. Atrás do homem vinham outras pessoas da comunidade, desgrenhadas e carregando cestos sobre a cabeça e coloridas bolsas de pano sobre os ombros.

O homem parou em frente de Ahalya.

— *Vanakkam* — ela disse, empregando a saudação usual. — Para onde vocês estão indo?

O homem estava tão perturbado que pareceu não entender a pergunta. Apontando e gesticulando como um louco, ele contou a ela sobre as ondas.

— Eu estava em meu barco — ele disse. — Não percebi nada. Quando retornei, tudo havia desaparecido. Minha mulher, meus filhos, não sei o que aconteceu com eles. — Ele se virou e mostrou o bando desorganizado que o acompanhava. — Só restamos nós.

Ahalya compreendeu a tristeza do homem, mas se fez forte para não se deixar abater. Em vez disso, ela se concentrou em questões práticas.

— O líder da comunidade possui uma van — ela disse. — Onde está ela?

O homem sacudiu a cabeça.

— Está quebrada.

— E sua água potável? Certamente vocês estocam a água das monções.

— Foi tudo levado pela onda.

— Para onde estão indo? — Ahalya perguntou outra vez.

— Mahabalipuram — respondeu o homem. — Temos parentes lá.



Ahalya tentou disfarçar seu desapontamento. Mahabalipuram ficava a oito quilômetros na direção contrária.

— Precisamos chegar em Chennai.

O homem olhou para ela como se achasse que ela tinha perdido o juízo.

— Vocês não vão conseguir chegar lá.

Ahalya pegou Sita pela mão e disse com confiança.

— Nós chegaremos.

As irmãs foram na companhia dos homens até a estrada principal, onde cada um seguiu seu caminho.

— Devíamos tentar chegar a Kovallam — disse Sita bem baixinho, falando pela primeira vez em muito tempo. — Talvez a gente consiga pegar um ônibus.

Ahalya fez que sim com a cabeça. Kovallam era uma comunidade pesqueira bem maior que ficava três quilômetros ao norte. Ainda que não encontrassem ônibus nenhum, ela achou razoável acreditar que, pelo menos, conseguiriam água filtrada no mercado de Kovallam. Água era a prioridade. A questão do transporte teria que esperar.

\* \* \*

A viagem custou a passar sob o sol tropical. De vez em quando, soprava uma brisa vinda do oceano, trazendo certo alívio ao calor. Se não fosse assim, o caminho seria monótono e doloroso. Suas sandálias, mergulhadas na areia, causavam bolhas na sola dos pés.

Quando finalmente chegaram a Kovallam, o rosto de Sita parecia congelado num esgar perpétuo e Ahalya tinha dificuldades para manter a compostura. Pela posição do Sol, ela acreditava ser por volta das 11 horas da manhã. E, a não ser que sua sorte se revertisse, haveria pouca chance de chegarem ao convento antes do cair da noite.

A vila de Kovallam era cheia de atividade. Carros de boi e carroças disputavam as ruas estreitas e alagadas com carros e pedestres. Ahalya parou uma velha senhora que vestia um sári coberto de lama e perguntou sobre um ônibus para Chennai. A mulher, entretanto, estava fora de si de tanto pesar.



— Meu filho — ela falou chorosa. — Ele estava na praia. Por acaso você o viu?

Ahalya fez que não com a cabeça e seguiu em frente. Então, pediu ajuda a um homem que carregava um cesto de bananas, mas ele apenas olhou para ela com um olhar vazio. Outro homem, dirigindo uma carroça carregada de uvas, respondeu a ela com um breve aceno de cabeça.

— Você sabe o que aconteceu por aqui? — ele perguntou, cuspidando na rua o sumo da folha de pimenta betel que mascava. — Ninguém sabe me dizer se os ônibus estão funcionando.

Ahalya lutou contra uma súbita onda de desespero que a invadiu. Ela sabia que, se não permanecesse calma, poderia tomar uma decisão errada que as colocaria em perigo.

Conduziu Sita até o mercado de Kovallam e, como ela suspeitava, apenas umas poucas barracas estavam montadas. Ela perguntou a um vendedor de caldo de cana se ele poderia lhe arrumar um pouco de água. Ostentando seu melhor sorriso, ela explicou para ele que a onda havia levado sua bolsa e que ela não tinha dinheiro. O vendedor olhou para ela com cara de poucos amigos.

— Todo mundo tem que pagar — disse ele, bruscamente. — Nada aqui é de graça.

Tomando Sita pela mão, ela se aproximou de um vendedor de legumes, contou para ele sobre sua situação e ele se compadeceu delas. Ele lhes deu as garrafas de água e uma beirada na sombra de um guarda-sol.

— *Nandri* — disse Ahalya, aceitando a água e passando uma garrafa para Sita. — Obrigada.

Elas aproveitaram a sombra e beberam a água com gosto. Depois de secar sua garrafa, Sita apoiou a cabeça no ombro de Ahalya e começou a cochilar. Ahalya, entretanto, resistiu à tentação de cair no sono e observou as pessoas no mercado em busca de um rosto familiar. Seu pai conhecia muitos homens em Kovallam, mas ela não conseguia lembrar seus nomes.

O tempo passava e ela não reconhecia ninguém, então começou a calcular quanto dinheiro conseguiria se vendesse as jóias escondidas.



didadas em sua bolsa. Quanto custaria alugar um carro para levá-las até Chennai? Seu instinto a alertava sobre a segurança de pegar um táxi, mas ela não tinha visto nenhum ônibus passando pelo mercado e duvidava que algum deles fosse empreender a viagem ainda aquela tarde. Elas não conseguiriam chegar a Chennai a pé, pelo menos não antes do anoitecer, e não conheciam nenhum lugar fora da cidade onde pudessem passar a noite em segurança.

\* \* \*

As moças descansaram por cerca de uma hora sob a sombra do guarda-sol. Sita não se mexia e Ahalya acabou caindo no sono. Quando despertou, viu que o Sol havia ultrapassado o zênite. Ela precisava tomar uma decisão.

Voltou-se para o vendedor para perguntar como conseguiria um motorista, mas nesse instante uma lembrança surgiu em sua memória. Um rosto na multidão. Um jantar de recepção em Mylapore no começo daquele ano. Um homem havia cumprimentado seu pai de forma afetuosa e seu pai respondera no mesmo tom. Ahalya não conseguia se lembrar do nome do homem, mas ela nunca esquecia um rosto.

Ahalya despertou Sita e disse a ela para não sair dali. Caminhou desviando das vacas, automóveis e riquixás, e se aproximou do homem.

— Senhor — ela disse, falando em inglês —, meu nome é Ahalya Ghai. Meu pai é Naresh Ghai. O senhor se lembra de mim?

O homem olhou para ela e abriu um sorriso.

— Mas é claro — ele respondeu em um inglês cheio de sotaque. — Eu sou Ramesh Narayanan. Nós nos conhecemos na última primavera na Sociedade Histórica Tamil. — Ele pareceu não entender o que estava acontecendo. — O que você faz aqui? Você está com seu pai?

A pergunta abalou Ahalya. Ela desviou o olhar de Ramesh para poder se recompor. Embora hesitante, ela contou toda a verdade sobre o que ocorrera com sua família.

A cor ia desaparecendo da face de Ramesh à medida que ela falava. Ele tentava encontrar alguma coisa apropriada para dizer. Finalmente, ele perguntou:



— Onde está sua irmã?

Ahalya se virou na direção da barraca de verduras.

— Estamos tentando chegar ao colégio de freiras onde estudamos em Tiruvallur. As irmãs cuidarão de nós.

Ramesh olhava para cada uma das irmãs.

— Vocês vão precisar de uma carona para chegar a Tiruvallur.

Ahalya fez que sim com a cabeça.

— Nós caminhamos até aqui, mas Sita está muito cansada.

Ramesh cerrou os lábios.

— Então, nossa situação é a mesma. Não se preocupe. Vou tomar as providências para que vocês estejam em Tiruvallur ao cair da noite. É o mínimo que posso fazer pelas filhas de Naresh Ghai.

Ahalya quase não cabia em si de tão aliviada.

— Espere aqui com sua irmã — disse Ramesh. — Eu voltarei para buscá-las assim que puder.

\* \* \*

Algum tempo depois, Ramesh voltou com um homem muito magro que vestia uma espécie de camisolão bem solto, ou *kurta*, e calças cáqui. O homem tinha a face maltratada, os olhos frios e uma cicatriz no queixo. Ele deu uma olhada nas irmãs e fez que sim com a cabeça para Ramesh. Ahalya instintivamente sentiu que não devia confiar naquele homem, mas ela não tinha outra opção senão aceitar a ajuda de Ramesh.

— Para onde estamos indo? — perguntou Sita com um leve tremor em sua voz.

Foi Ramesh quem respondeu.

— Esse homem, seu nome é Kanan, é dono de uma caminhonete com tração nas quatro rodas. Ele é o único em toda Kovallam com coragem suficiente para enfrentar as estradas depois das ondas e seu preço foi muito justo. Nós tivemos sorte de encontrá-lo.

Ahalya tomou sua irmã pela mão e disse:

— Está tudo bem.

Permanecendo sempre próximas a Ramesh, as irmãs seguiram Kanan pelo mercado até uma viela estreita coberta por tecidos de cores



brilhantes. A caminhonete — uma Toyota azul toda empoeirada — já tinha visto dias melhores. Estava estacionada, toda amassada e enferrujada, ao lado de uma botica. Ahalya, fazendo de conta que sofria de claustrofobia, recusou a oferta de Ramesh de viajar, junto com Sita, na cabine, e foi empurrando a irmã para subir na carroceria. A ideia de se sentar tão perto do homem com a cicatriz lhe era repulsiva.

Kanan ligou o motor e engrenou a marcha. A caminhonete tremeu e deu um tranco para a frente. Depois de passar pelas ruas de Kovallam, ele pegou a estrada que ia dar em Chennai.

As ondas transformaram o cenário paradisíaco da costa em um pântano lamacento e, a rodovia, em uma estrada de barro. A caminhonete seguia devagar pelo caminho arenoso. Embora não houvesse trânsito na rodovia, levou uma hora para chegarem a Neelankarai, o subúrbio mais ao sul de Chennai, e outra hora inteira para alcançarem Thiruvanniyur, que ficava a menos de três quilômetros do rio Adyar. As ondas destruíram muitas habitações costeiras, afundaram ruas, capotaram veículos e jogaram vários barcos de pesca para terra firme. A rodovia da Costa Leste estava lotada de gente caminhando a pé, o que deixava o tráfego muito lento.

A uns oitocentos metros ao sul do delta do rio, o trânsito parou de vez. Buzinas tocavam sem parar e motoristas gritavam obscenidades, mas nada parecia desmanchar o nó que se criara no trânsito. Depois de dez exasperantes minutos, Kanan deu marcha a ré e entrou por uma via secundária que seguia na direção do monte St. Thomas. O Sol já estava baixo no céu quando conseguiram atravessar o rio por uma ponte em Saidapet. As ruas ao norte do rio não mostravam sinais de destruição.

O motorista virou para leste em direção a Mylapore e à costa. Ahalya sentiu um pouco de alívio no meio da caótica dança de carros, caminhões, bicicletas e riquixás. Ela apertou a mão de Sita para passar confiança à irmã.

— Logo estaremos lá — disse ela, abrindo um sorriso que não encontrou reflexo nos olhos de sua irmã.

— O que faremos então? — perguntou Sita.

— Ainda não sei — Ahalya teve que admitir.



Ela tentava lutar contra a angústia que lhe apertava o peito sem cessar, mas, nesse momento, cedeu à pressão. Lágrimas rolaram pelo rosto, fazendo arder os olhos de Ahalya. Ela tomou Sita em seus braços e prometeu à Lakshmi, pela alma de seu pai, que não permitiria que nada de mau acontecesse a Sita. Ela seria como uma mãe para Sita. Faria o sacrifício que fosse necessário para que Sita encontrasse uma nova vida depois que findassem aqueles dias de horror. A existência de sua irmã lhe dava energia.

Ela não podia falhar.

\* \* \*

Pouco antes das 18 horas, a caminhonete estacionou em frente de um condomínio de luxo. As sombras já estavam longas sobre a rua arborizada e o Sol estava quase se pondo. Ramesh desceu da cabine, ajeitou a roupa e deu um simpático sorriso às meninas.

— Lamento não poder acompanhar vocês até Tiruvallur — disse ele —, tenho um compromisso importante essa noite em Chennai. Mas já paguei Kanan para conduzi-las até seu destino.

Ele entregou um cartão de visitas à Ahalya, com o número do seu celular.

— Não tenho palavras para descrever como me sinto pela sua perda. Se precisarem de alguma coisa, por favor, telefonem. — E, com uma leve reverência, ele se despediu delas.

Kanan não se dirigiu às meninas depois que Ramesh os deixou. Simplesmente fez uma rápida ligação de seu telefone celular e virou a caminhonete para noroeste em direção ao centro da cidade. Cruzaram o rio Kuvam e viraram à esquerda em uma via principal. Kanan dirigia o carro em direção aos subúrbios a oeste.

Tudo ia bem até que cruzaram uma intersecção na rua Jawaharlal Nehru. Sem que esperassem, Kanan virou à esquerda e entrou em um distrito industrial.

— *Neengal enna seigirirgal?* — Ahalya reclamou batendo na janela da cabine. — O que está fazendo?



Kanan simplesmente a ignorou e acelerou ainda mais sobre a rua poeirenta. Eles chegaram a uma área degradada. Crianças sujas e cachorros famintos eram vistos por toda parte; homens fumavam sob portais sombrios e casais de idosos se sentavam silenciosos em terraços exíguos. Aquela vizinhança não era familiar à Ahalya, mas havia muitas outras como essa pela cidade. Eram lugares onde, por gerações, a sobrevivência era conquistada à margem da sociedade, lugares onde as pessoas olhavam para o outro lado e não faziam perguntas. Ahalya sabia que, mesmo que gritasse por socorro, ninguém viria acudi-la. Sua intuição estava correta. Kanan não era um homem em quem se pudesse confiar.

Ela procurou o celular dentro da bolsa. E, nesse exato momento, Kanan deu uma freada brusca e a caminhonete derrapou até parar. Ahalya agarrou o telefone e o escondeu sob o *churidaar*. Ela deu uma olhada nas redondezas. O carro parou no fim de uma fileira de prédios velhos construídos abaixo de um paredão de pedra. A área era mal iluminada e deserta, exceto por três homens reunidos na penumbra. Os homens cercaram a caminhonete e o mais novo deles pulou na carroceria.

Inclinado diante delas, ele disse:

— Vocês não precisam ter medo de nós. Se fizerem tudo o que a gente mandar, ninguém vai machucar vocês — e notou a bolsa de Ahalya. — O que temos aqui? — perguntou, pegando a bolsa.

Ahalya apertou a bolsa contra o corpo. Sem hesitação, o homem mais jovem a esbofeteou no rosto. Seu rosto doeu muito e ela sentiu o gosto de sangue nos lábios. A seu lado, Sita começa a choramingar. A violência daquele ato repentino a deixou em choque. Ahalya entregou a bolsa.

O homem derramou o conteúdo no assoalho da carroceria, recolheu a caixa de madeira e abriu o fecho. As joias brilharam na claridade das lâmpadas da rua.

— Seu rato duma figa — disse exultante, segurando uma das gargantilhas que pertenciam à Sita —, olha o que você trouxe para nós! Você foi abençoado por Ganesha.

— Ótimo — disse Kanan, voltando-se para um homem gordo com o rosto marcado pela varíola. — Então vocês vão ter que dobrar meu



pagamento. O homem gordo avançou em sua direção e, imediatamente, ele recuou.

— Tá bom, tá bom. O dobro é muita coisa. Façamos 50%.

— Feito — disse o homem gordo já contando o dinheiro. — E agora, se manda daqui.

Depois que o homem mais jovem obrigou as meninas a descer da caminhonete, Kanan subiu outra vez na cabine, ligou o motor e saiu em disparada, deixando atrás de si uma nuvem de poeira.

O mais jovem segurou Sita pelo braço e o gordo tomou conta de Ahalya. O terceiro dos captores, que usava óculos e tinha um relógio de prata, seguiu atrás. O coração de Ahalya quase parou quando os homens as conduziram por um corredor escuro e as fizeram subir um lance de escada. A porta do apartamento estava aberta e pendia da soleira da porta um *hamsa*, amuleto em forma de mão para proteção contra o mau-olhado.

Os homens colocaram as meninas para dentro da sala. Uma mulher muito gorda, vestindo um sári, estava sentada em um sofá assistindo à televisão. Ela deu uma olhada nas meninas e voltou ao seu programa. O jovem e o homem gordo trocaram apertos de mão com o homem de óculos, a quem chamavam de Chako. O gordo conversava em voz baixa com Chako. Ahalya não conseguia ouvir nada da conversa a não ser a promessa do gordo de voltar na manhã seguinte.

Chako se despediu deles e fechou a porta, com duas trancas. Ele se voltou para as meninas com uma expressão neutra.

— Estão com fome? — perguntou.

O estômago de Ahalya estava roncando de fome. Havia horas que ela não pensava em comida. Ela trocou um olhar com Sita e assentiu. Chako se virou para a mulher e deu uma ordem em tâmil. A mulher se levantou do sofá, olhou irritada para as meninas e foi para a cozinha.

Pouco depois, ela retornou com dois pratos fumegantes de arroz misturado com grão-de-bico e *chutney* de batata, e um jarro de água. As irmãs estavam famintas e comeram com vontade. A comida estava muito apimentada e a água não era filtrada, nem estava gelada. Ahalya não se importava mais. Elas precisavam esperar até que estivessem sozinhas e ela pudesse ligar para a irmã Naomi.



\* \* \*

Terminada a refeição, Chako mandou as meninas se sentarem no sofá, ao lado de sua esposa. Ele se sentou em uma cadeira. A mulher de Chako estava com os olhos cravados em um programa de entrevista que a mãe das meninas nunca havia permitido que assistissem. Uma atriz de cinema de Tamil era a celebridade convidada e o assunto era sua produção mais recente, um melodrama que se passava durante a guerra civil no Sri Lanka.

Ahalya, sentada ao lado da irmã, estava imóvel e parecia não acreditar no que estava acontecendo. Em um único dia, toda a sua família havia sido aniquilada pelo mar e ela e Sita tinham sido sequestradas. O que será que Chako e a mulher pretendiam com elas? Será que outras moças já haviam sido aprisionadas aqui ou seria essa a primeira vez? Ahalya lembrou que Kanan havia recebido uma comissão do homem gordo, o que sugeria que eles já haviam feito isso antes. Mas por quê?

O show durou uma hora e, depois disso, Chako mudou de canal para uma emissora estrangeira de notícias. Ahalya e Sita se aprumaram no sofá, atraídas pelos vídeos que mostravam a devastação causada pelas ondas gigantes que atingiram a linha costeira do Oceano Índico. Crianças órfãs gritavam no colo de socorristas, mulheres choravam desesperadas diante das câmeras e vilas inteiras estavam em ruínas, destruídas por uma parede de água que surgira sem que se pudesse prever.

De acordo com o locutor, o *tsunami* se formara após um terremoto colossal que ocorrera na costa da Indonésia. A sucessão de ondas provocada pelo tremor se espalhou a partir de seu epicentro e viajou na velocidade de um avião a jato. Em um intervalo de menos de três horas, o *tsunami* deixara um rastro incontável de mortos nas regiões costeiras da Indonésia, Tailândia, Malásia, Sri Lanka, Índia e nas ilhas de Andamã e Nicobar. A emissora divulgou projeções sobre estimativas do número total de mortos. Algumas fontes diziam que 50 mil pessoas haviam perecido. Outras estimavam um número cinco vezes maior. A extensão da catástrofe era incalculável.



Eles assistiram à televisão até às 22 horas, quando Chako, finalmente, desligou o aparelho e conduziu as meninas até um quarto pequeno, mobiliado apenas com duas camas e um criado-mudo. Chako disse às meninas que elas dividiriam uma das camas e que sua mulher dormiria na outra. No quarto havia uma janela na parede do fundo, coberta por uma gelosia enferrujada e barras de ferro.

A mulher de Chako entrou no quarto logo depois, vestindo uma camisola e carregando um copo de água e dois comprimidos redondos. Chako disse às meninas que os comprimidos as ajudariam a dormir. Pensando rápido, Ahalya colocou a pílula debaixo da língua e engoliu apenas a água. Seu celular ainda estava escondido sob suas vestes. Ela pretendia usá-lo quando todos estivessem dormindo. No entanto, a mulher de Chako vasculhou sua boca com o dedo e descobriu o truque.

— Garota estúpida — ela praguejou e esmurrou a cabeça de Ahalya. — Você não sabe o que é bom para você. — Ela tornou a entregar o comprimido a Ahalya e a forçou a engolir.

Chako deu uma olhada em seu relógio brilhante e deu boa-noite às meninas. Fechando a porta atrás de si, ele passou a tranca com um clique audível. Sua mulher se sentou na cama mais próxima à janela e fixou um olhar malévolos em Ahalya.

— Não tem como escapar — disse ela. — Nem tente sair ou Chako vem com uma faca. Outras já tiveram que aprender do jeito mais difícil. E não perturbem meu sono.

Ahalya e Sita deitaram lado a lado na cama. Sita chorava em silêncio e as lágrimas molhavam os lençóis, até que caiu no sono. Ahalya colocou os braços em torno da irmã como um escudo protetor, tentando desesperadamente esquecer as forças misteriosas que transformaram sua vida em um pesadelo. À medida que o sedativo ia fazendo efeito, Ahalya lutava para ficar acordada, mas o remédio confundia sua mente e seus olhos se fecharam.

Juntando suas últimas forças, ela tentou esconder ainda melhor seu telefone por baixo do *churidaar*. Então, não conseguindo resistir por mais tempo, perdeu a consciência.



